



**A SEXUALIDADE ENTRE GÊNEROS NA VIDA RELIGIOSA
ATRAVÉS DA REPRESENTAÇÃO MARIANA NO MEDIEVO (SÉCULOS
XIII-XIV)**

Camila Rabelo Pereira¹

Resumo: Essa investigação foi viabilizada através do Laboratório Mnemosyne, que dentre as diversas pesquisas analisa as relações de gênero no período medieval. O objetivo principal deste trabalho é analisar os discursos que tentavam nortear a sexualidade dos homens religiosos e das mulheres religiosas presentes na narrativa *Milagres Medievais, numa coletânea mariana alcobacense* nos séculos XIII-XIV. O exercício da sexualidade na hagiografia se diferencia de acordo com o gênero, para as mulheres religiosas era recomendada a virgindade e aos homens religiosos a castidade. Enfoca-se na construção da categoria de gênero através da literatura, pois a hagiografia serviu para a Igreja Católica como instrumento pedagógico de propagação dos ideais litúrgicos, e tinha como objetivo nortear as ações de homens e de mulheres determinado os papéis próprios de ambos.

Palavras-chave: Castidade. Hagiografia. Sexualidade. Virgem Maria. Virgindade.

Abstract: This research was made possible through the Mnemosyne Laboratory, which among the various research examines gender relations in the medieval period. The main objective of this work is to analyze the speeches trying to guide the sexuality of religious men and women religious present in the narrative *Medieval Miracles, a Marian collection Alcobaca* in the centuries XIII-XIV. The exercise of sexuality in hagiography differs according to gender, for religious women was recommended virginity and religious men chastity. Focuses on the construction of gender category through literature, because the hagiography served for the Catholic Church as an

¹ Graduada do Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e membro do *Mnemosyne* – Laboratório de História Antiga e Medieval.

educational tool propagation of the liturgical ideals, and was intended to guide the actions of men and women given the proper roles of both.

Keywords: Chastity. Hagiography. Sexuality. Virgin Mary. Virginity.

INTRODUÇÃO

A hagiografia *Milagres Medievais, numa colectânea mariana alcobacense* (CMA), é um texto composto de milagres latinos atribuídos a intercessão da Virgem Maria, encontrados na biblioteca do *Mosteiro de Santa Maria de Alcobaca* em Portugal. Traduzido por Aires Augusto Nascimento e publicado em 2004.

A Coletânea é composta de 22 (vinte e dois) milagres dividida em 2 (dois) grupos, o primeiro grupo contém 15 (quinze) milagres, e o segundo grupo contém 7 (sete) milagres. A narrativa possui discursos diversificados (peregrinação, caridade, uso do sacramento, o culto mariano aos sábados), porém neste artigo utilizou-se os milagres 1, 12, xx que fazem parte do primeiro grupo e que abordam a sexualidade feminina e masculina.

O gênero como categoria de análise não adota definições fechadas sobre o que é ser homem ou mulher, ou o que caracteriza o masculino e o feminino, mas sim como estes elementos são discursivamente produzidos em meios sociais específicos gerando e ganhando significados. Pois, são de acordo com a demanda social alterados, ressignificados, eliminados, negados ou reafirmados.

Os processos de significação da diferença sexual implicam, portanto, em relações de dominação, que estão presentes e são legitimadas no âmbito das instituições, nas normas, nas práticas, na adoção de papéis sociais, na construção das identidades subjetivas e coletivas, pelos símbolos e pelas representações. Assim, o gênero está em todos os aspectos da experiência humana, constituindo-os, ainda que parcialmente. (SILVA, 2009, pág. 100).

As diferenças percebidas entre os sexos é culturalmente construída, transmitida e mutável, por isso, ela se constitui como um dos elementos presentes nas mudanças da organização das relações sociais e de poder. O gênero e o sexo não são verdades infalíveis e neutras, mas sim saberes que ganham sentido dentro do contexto da luta por poderes.

O ideal da virgindade tinha como representação ideal a Virgem Maria. Para as mulheres religiosas no mdievo a ligação e a manutenção dos laços com o divino era

pautado primeiramente na condição virginal. Através do estado virginal as mulheres manter-se-iam puras não somente no corpo, mas também no coração e na alma. Porém, aos homens religiosos era recomendada a castidade, pois os laços que os ligavam com o divino não eram pautados na sexualidade, mas sim em outros aspectos.

As diferenças entre os sexos vai ser percebida na forma como os homens e as mulheres vivenciavam a vida religiosa. Os espaços femininos na Igreja Católica serão determinados e muitas vezes limitados, por isso, elas buscaram estratégias e formas diferentes de fugir da submissão da Igreja, resistindo a tutela senhorial que passava da família para a Igreja. Um dos aspectos mais relevantes é o domínio sobre o seu próprio corpo, pois dentro dos mosteiros elas podiam exercer papéis sociais diferenciados daqueles determinados socialmente: mães, esposas e filhas.

1 A VIRGEM MARIA COMO MODELO PARA AS MULHERES RELIGIOSAS

As mudanças sociais, culturais, religiosas e econômicas que estavam ocorrendo desde o século XII, resultaram em uma recorrente preocupação com as expectativas femininas. As mulheres começaram a ganhar espaço e voz principalmente através das heresias que era uma das grandes ameaças ao poder clerical.

Ao longo do século XII, a Igreja do Ocidente começou a levar seriamente e conta as expectativas das mulheres. Sentiam-se abandonadas e pediam que melhor as ajudassem a caminhar rumo a salvação. Sem dúvida, os grandes prelados que no século precedente haviam conduzido a reforma moral da sociedade cristã perceberam que era preciso cuidar das mulheres, desviá-las do mal, e os mais generosos dos homens religiosos, os mais atentos ao ensinamento do Evangelho já reuniam as mais inquietas, as mais desamparadas dentre elas ao redor de si. Contudo, a autoridade eclesiástica desconfiava desses apóstolos temerários. Decepcionadas; muitas mulheres escutavam os heresiarcas que lhe estendiam os braços. (DUBY, 2001, p. 7).

Contudo, mesmo que alguns homens religiosos tenham levado em consideração as expectativas femininas, os lugares sociais determinados para as mulheres a partir dos ideais da Instituição, continuavam praticamente inalterados tornando as heresias mais atraentes.

A ameaça das heresias e os problemas internos levaram a Igreja Católica a

realizar a Reforma Papal ocorrida entre os séculos XI e XIII², que instituiu principalmente a sexualidade como o campo que deveria diferenciar os leigos dos clérigos regulares e seculares. Para os leigos o casamento, e para os clérigos a virgindade e a castidade³. Essa determinação apenas institucionalizou aquilo que já era recomendado as mulheres religiosas, a manutenção do corpo puro através da virgindade.

O modelo mariano de virgindade possui na hagiografia *CMA* características que deveriam ser seguidas pelas mulheres religiosas: virgem perpétua; humilde; misericordiosa; piedosa; caridosa. Porém, a reunião de todas as características mencionadas torna Maria um modelo impossível de ser imitado, mesmo assim Ela se constitui como um ideal a ser alcançado pelas mulheres religiosas.

Encomendamo-nos a ti e a teu filho pelo amor e carinho com que teu filho pendente na cruz te encomendou a S. João e a ti o encomendou a ele. Roga a teu pai que liberte o teu filho. No teu auxílio nos refugiamos, Virgem sem mancha, Virgem excelsa, Virgem humilde, Virgem inviolada, Virgem formosa, Virgem celestial, tu que depois de Deus é a nossa única esperança; em ti confiamos, a ti pedimos que te dignes livrar-nos no perigo desta hora. (CMA, Milagre 4, 2004, p. 79 grifo nosso).

O que mais se destaca nesse trecho da hagiografia é que todas as virtudes marianas estão acompanhadas da palavra virgem, o que evidencia que o estado virginal mariano é a representação mais propagada nos milagres, pois não bastava as mulheres terem as virtudes já citadas era preciso primeiramente que elas fossem virgens.

O enaltecimento de Maria na hagiografia é principalmente através da sua virgindade que significava a renúncia da sexualidade e a ausência do pecado. A sua virgindade perpétua (virgem antes do parto, no parto e depois do parto) é evidenciada em todos os milagres, reforçando assim o caráter pedagógico e estratégico das hagiografias que através de narrativas simples ganharam popularidade no medievo.

² Já devo ter feito alusão ao grande movimento que, no século XI, transformou profundamente a Igreja e a cristandade. A ele se dá o nome do papa que se distinguiu nisso, Gregório VII, papa de 1073 a 1085. A reforma gregoriana, considerada primeiro pelo papado como um meio de subtrair a Igreja da dominação e das intervenções dos leigos e, particularmente, de subtrair o papado romano das pretensões do imperador germânico, resultou, de uma maneira mais geral, na separação entre clérigos e leigos...a reforma gregoriana definiu e fez reinar novas formas de enquadramento da sociedade. (LE GOFF, 2007, p. 90-91).

³ A virgindade e a castidade são condições sexuais diferenciadas. O estado ou condição de virgem se refere ao homem ou a mulher que nunca teve relações sexuais, sendo assim um ser intocado, inviolado e inalterado, enquanto os (as) castos (as) são aqueles que podem ter tido relações sexuais, porém estão privados dos prazeres sexuais. Ressalta-se que uma pessoa pode ser virgem e casta.

O modelo mariano para as mulheres religiosas medievais estava pautado principalmente na virgindade, que as mulheres deveriam manter para que o espírito e a alma ficassem livres das tentações e do pecado. E mesmo sendo um modelo impossível de ser alcançado em sua totalidade Maria é caracterizada pela sua espiritualidade, que permitiu a humanização da relação com o divino.

Os discursos exaltavam que por conta da “natureza” feminina (pretensão ao pecado, principalmente a luxúria), era preciso vigiar, nortear e coordenar as ações femininas. Pois, se uma mulher (Eva) foi responsável pela Queda da humanidade, imagine o que aconteceria se não houvesse nenhum domínio sobre as outras mulheres. O controle da sexualidade e as desigualdades⁴ sociais e culturais entre homens e mulheres, eram justificadas e legitimadas através da “inferioridade” feminina.

Em razão do seu sexo, as mulheres são mais frágeis que os homens. O seu principal cuidado deve ser o da conservação da virgindade: a queda da virgem romper ia o seu casamento com Cristo, constituiria com sinal de desrespeito gravíssimo. Corrompida para sempre ela seria uma vergonha para toda a Igreja. Contudo, a integridade do corpo não é suficiente. Há que também de garantir a pureza do coração. A vida virginal não resulta de uma decisão única, ganha-se sem cessar, exige uma aspiração e um esforço permanente. (L' HERMITE-LECLERCQ, 1990, p. 317 grifo nosso).

O estado virginal exigia das mulheres religiosas um permanente esforço para a manutenção do casamento com Cristo, que determinava não somente a pureza do corpo, mas também da alma e do coração. Contudo, mesmo que a virgindade através da representação mariana não fosse um modelo fácil a ser seguido aquelas que conseguiam eram enaltecidas socialmente.

São todas as mulheres castas que a classificação das virtudes, tal como ela se define no século XIII nas obras teológicas e pastorais, não hesita em definir como mulheres virtuosas: sabem de facto praticar aquela singular e providencial forma de temperança, dita castidade ou continência, que põe ordem e medida no desordenado e perigoso mundo dos prazeres sexuais.

⁴ “A Idade Média não inventou a desigualdade entre os sexos. Esta remonta aos primórdios das sociedades organizadas e hierarquizadas, ao aparecimento das civilizações. Na civilização romana, por exemplo, prevaleceu a ideia de uma suposta “inferioridade natural” das mulheres. Elas foram excluídas das funções públicas, políticas e administrativas. Suas relações limitavam-se à *domus* (casa), que era sempre governada por um homem - o pai, o marido ou o sogro. As romanas tinham sua autonomia pessoal limitada pelos interesses familiares. A ‘razão do Estado’ impera sobre os desejos individuais, de maneira que as composições familiares as posições no Senado e em outras instituições definiam o casamento e selavam o destino dos casais.” (MACEDO, 2002, p. 14).

Remédio para a concupiscência à qual a humanidade inteira foi condenada depois do pecado original, a castidade é frequentemente recomendada a homens e mulheres, mas mais frequentemente a estas. (CASAGRANDE, 1990, p. 110).

Como ressalta a autora acima a virgindade acabava por ser um elemento mantedor da correta ordem social. Sendo mais recomendada para as mulheres, pois segundo os escritos clericais estas eram propensas ao pecado da luxúria. Quando uma mulher permanecia virgem era uma vitória perante os pecados da carne.

Percebe-se que a preocupação com a virgindade das mulheres religiosas advém desde os primórdios da cristandade. Ambrósio, bispo de Milão (374-397), um dos patriarcas da Igreja dedicou a maioria dos seus escritos a exaltar a virgindade como ideal a ser seguido pelas mulheres que optavam pela vida espiritual.

Seus ensinamentos sobre a virgindade tinham como público as mulheres em especial, as virgens consagradas e as viúvas, que naquela época ainda não viviam em conventos ou mosteiros, mas formavam um grupo dentro da Igreja, ou seja, eram mulheres que se dedicavam às práticas piedosas ou caritativas e, por isso, parte de suas riquezas eram direcionadas para tais obras. Segundo Ambrósio, a virgindade é essencial à vida espiritual e é através dela que a alma se une a Cristo, tornando-se sabedoria e luz. Por isso, a consagração virginal é uma riqueza comunitária, tanto para a família como para a Igreja. Ele glorifica a virgindade voluntariamente abraçada, não prescrevendo uma ascese muito pesada. As virgens deveriam levar, no seio das próprias famílias, um vida simples, silenciosa, moderada, retirada, consagrada à prece, ao jejum e à contemplação. (SOARES, 2008, p. 239)

Observa-se que para o bispo a virgindade deve ser uma escolha, ele reconhece a dificuldade e o sacrifício daquelas que se dedicavam a vida espiritual, assim o estado virginal era considerado por Ambrósio como superior, pois as mulheres que o seguiam apenas se dedicavam as coisas de Cristo. Maria era o exemplo mais utilizado pelo bispo que enumerava as seguintes virtudes marianas: castidade, virgindade perpétua, humanidade, vida oculta, amor à solidão, modéstia, assídua nos estudos sobre Deus e devotada. Ela seria o exemplo fiel e ideal de virgindade que aguardava a Deus para as mulheres seguirem.

A partir do século XIII, mesmo o discurso virginal utilizando Maria como modelo ideal a virgindade foi resignificada. A mudança de perspectiva pode ser notada através de Clara de Assis. Ela ao escrever sobre a virgindade tinha uma ideia oposta ao tipo de vida espiritual proposto por Ambrósio. Clara de Assis não colocava que a

mulher para seguir a Cristo deveria viver em recolhimento/vida oculta. Mas sim que a manutenção da virgindade sendo a esposa de Cristo, possibilitaria a mulher ter tudo e ser tudo, não precisando seguir a principal finalidade social das mulheres: a procriação.

Clara reelabora o discurso dos Pais da Igreja sobre virgindade, que era respeitado e aceito pela sociedade. Permanecendo virgem a mulher alcançaria a ascese, casando-se com Cristo ela seria mãe, esposa, irmã, mantendo-se íntegra. Em uma análise mais contextualizada, detectamos que Clara, ao reelaborar o discurso da Igreja no tocante à virgindade, ela o fez com o intuito de se tornar sujeito de um outro discurso que realmente lhe importava. Ou seja, ao transformar esse discurso em um outro voltado para os seus ideais, dentre eles destacamos a pobreza, Clara de Assis se utilizou da virgindade para viver em pobreza. Na perspectiva de Clara, a virgindade opõe-se a qualquer relação terrena, uma vez que essa está ligada à riqueza, representando um vínculo para a estabilidade das famílias. Tradicionalmente, o papel da mulher dentro do casamento seria apenas o de procriar para perpetuar a linhagem. Submetida a uma relação hierárquica de poder, ligada a um marido, ela ocuparia principalmente o papel de reprodutora. (SOARES, 2012, p. 9 grifo nosso).

Assim, para Clara de Assis o estado virginal significava domínio do seu próprio corpo, e liberdade para participar ativamente da vida terrena. Nos escritos dela a virgindade é um discurso que legitima e rompe com os laços de dominação masculina, o que permitiria as mulheres controle do seu corpo e dedicação aos estudos.

Cabe ressaltar que na maioria das vezes as mulheres nos escrito medievais são retratadas como pecadoras ou santas, porém existem alguns personagens ambíguos e mais próximos da realidade em alguns textos medievais, como na *Demanda do Santo Graal* (século XIII), em que as mulheres possuem atitudes boas e más.

A mulher pode ser boa e má ao mesmo tempo, como, por exemplo, Genevra. A mulher que trai o rei, mas que também é fiel ao amor cortês e considerada boa pelo povo, uma reminiscência do seu papel nos relatos irlandeses e galeses. O mesmo ocorre com Morgana, que de pecadora devido à magia considerada má, é 'resgatada' no final da narrativa, quando, juntamente com as outras fadas, leva Artur para Avalon, a ilha das maçãs. (ZIERER, ABRANTES, 2014, p. 29).

A ambiguidade dos personagens femininos citados acima, demonstra que mesmo a Igreja Católica tentando impor as concepções cristãs e modelos sociais através de representações simbólicas a sociedade medieval era complexa. O reducionismo imposto pelos homens religiosos através do discurso virginal se constituía como uma das

estratégias de manutenção da ordem social.

A hagiografia *CMA*, possui discursos que tentam nortear a sexualidade não somente das mulheres religiosas, mas também dos homens religiosos. A sexualidade feminina deveria ter um controle maior, por isso, era preferível que elas não tivessem tido jamais nenhum contato sexual, já que as mulheres eram propensas ao pecado. Assim, a manutenção da virgindade acabaria por afastar as mulheres do pecado. Enquanto aos homens por deterem a razão, o discurso pautava a sexualidade através da castidade, como será analisado a seguir.

1.1 O discurso da castidade masculina na Hagiografia *CMA*

A vida religiosa masculina tem notadamente mais ênfase nos escritos medievais, além disso, existe uma desigualdade de gênero na prática da sexualidade. O discurso cristão recomendava geralmente as mulheres a virgindade e aos homens a castidade, essa diferença está presente na Coletânea de Milagres utilizada nessa pesquisa.

Por exemplo, o milagre 1 possui como temática central a valorização da castidade, “a Virgem pura prefere os castos e os puros para conduzir ao reino dos céus.” (*CMA*, p. 67). O ato milagroso é realizado por três crianças, porém não fica especificado durante o desenrolar da narrativa se elas são do sexo masculino ou feminino. Assim, a castidade é atribuída as crianças por essas ainda não conhecerem o pecado da carne (seres inocentes). Percebe-se que houve uma generalização, qualquer criança seria pura por ser casta.

No primeiro milagre o autor aborda a questão da castidade como um bem maior para sociedade, pois através dela o grupo social pode ser beneficiado com milagres. O discurso reafirma a ideia de que para os castos o reino dos céus está garantido, assim a salvação é associada a ausência do prazer sexual e da sexualidade. Por isso, os homens religiosos precisavam manter distância das mulheres que poderiam tirar a razão e os levarem ao pecado da luxúria.

O milagre 12, também tem como temática central o discurso da castidade, porém ele é direcionado aos homens religiosos. A narrativa conta que na Hungria havia um rei com dois filhos, o primogênito assumiu o trono após a morte do pai, e o segundo filho na linhagem ingressou na vida religiosa por decisão do pai em vida, este aspecto

demonstra a preocupação dos homens feudais com a divisão de terras e a sucessão familiar.

Nobres sem terra, isto é, filhos secundogênitos em número cada vez maior, produto do crescimento demográfico. O direito feudal excluíá-os da herança de bens imobiliários para que a terra não fosse dividida e não se comprometessem as relações contratuais senhor-vassalo. Até então muitos daqueles secundogênitos tomavam a batina (numa mobilidade social horizontal), recebendo assim terras da Igreja. (FRANCO JÚNIOR, 2006, p. 93).

Os nobres secundogênitos para não dispersarem a riqueza da família e manterem seu *status*, buscavam ou eram designados pelas suas famílias a seguirem a vida religiosa. O personagem da narrativa denominado “clérigo”, não se tornou religioso por vocação, mas sim pela sua condição de filho secundogênito. Porém, após ter se ordenado sacerdote, ficou doente. A doença quase o levou a morte, por isso, ele começou a rezar para Maria todos os dias, por isso, ela o salvou. Em agradecimento o “clérigo” rezava todos os dias as Horas, dedicava os sábados a Ela e fez o voto de castidade em honra da Virgem, tornando-a sua esposa.

Faleceu então o rei, seu irmão, sem deixar outro herdeiro, e os nobres da sua pátria forçaram-no a ele subir ao trono. Depois, passado um tempo, deram-lhe uma esposa, contra a sua expressa vontade. No próprio dia do casamento, porém, quando ele com a noiva estava a receber a bênção nupcial das mãos do bispo, prestes a terminar, lembrou-se de que nesse dia não tinha ainda cantado as Horas da bem-aventurada Virgem Maria. Obriga então todos a saírem da igreja e fica ele sozinho diante do altar e recita a antífona ‘És bela e formosa, filha de Jerusalém, terrível como um exército em linha de batalha’, eis que lhe apareceu a Virgem esplendorosa, diante do altar, com dois anjos, um à direita e outro à esquerda, e lhe diz: ‘Se, pois, sou bela e formosa, como dizes, porque me deixas e tomas outra por esposa? Porventura não sou eu mais bela que ela? Onde viste outra mais bela? Não me fizeste tu voto de castidade, quando eu te livre de grave doença?’ (CMA, Milagre 12, 2004, p. 123 grifo nosso).

Maria neste milagre não é representada como uma mulher-mãe ou mulher-virgem, mas sim como uma *mulher-esposa*, que chega até mesmo a comparar sua beleza com a noiva do rei. Ela não aceita ser trocada por outra mulher. Assim, há uma inversão simbólica da representação mariana, que ganha aspectos como sexualidade, beleza e

formosa, tornando-a uma mulher atraente e bela, o que revela a complexidade das relações sociais e culturais no medievo.

Além disso, é mencionado como Maria pode ser terrível tal como um exército em batalha, este aspecto confirma não somente a sua atuação simbólica nas guerras como Santa Guerreira, uma das representações mais valorizadas em Portugal, mas também que a Virgem pode ser cruel com aqueles que não cumprem os votos que prometeram a Ela.

A Virgem Maria exige que o rei abandone a sua noiva e se dedique somente à festa da Conceição e a rezar para Ela todos os sábados, assim ele terá o reino dos céus e uma esposa no reino celeste. Diante da pressão de Maria, o rei abandona a vida régia, e foge da cidade. Depois vive em peregrinação em honra dela. Pela sua dedicação à vida religiosa e ligação com Maria, a sua esposa celestial, ele se torna um patriarca. E por toda vida em agradecimento dedicou todos os sábados e realizou as festas em honra da Virgem.

Outro aspecto interessante dessa narrativa é a renúncia que o homem deve fazer dos seus bens materiais, pois segundo os ideais cristãos a verdadeira riqueza estava em viver em pobreza e servir a Deus, quem fizesse isso teria um lugar no reino dos céus. O discurso legitima a pobreza como elemento que ligaria o homem ao reino dos céus através de uma esposa celestial.

A renúncia dos bens materiais demonstra traços da nova espiritualidade, que tinha como modelo masculino Cristo, que viveu em pobreza. A imagem de Cristo é resignificada, segundo Le Goff (2007), o Cristo como vencedor da morte, dá lugar a um Cristo da dor. O cristianismo a partir do século XIII, pregava que para os homens obterem a salvação era preciso um esforço terreno para que as atitudes deles fossem semelhantes as de Deus.

Sob a influência do ideal da vida apostólica, e posteriormente, dos movimentos evangélicos, operou-se uma inversão, no século XII. Os religiosos, como vimos, se denfrontaram com o problema da riqueza e com aqueles que a existência de um número crescente de pobres causava. O mundo dos leigos não escapou a essa interpelação. Sensibilizados por pregadores que lhes falavam da pobreza de Cristo. (VAUCHEZ, 1995, p. 112).

A reconfiguração da espiritualidade no medievo a partir do século XIII, influenciou os religiosos e os leigos a praticarem a caridade, que era vista simbolicamente como um dom supremo, realizado somente pelos escolhidos de Deus. O milagre 11, possui como temática central a “Legitimação do sábado como dia para o culto mariano”, porém o discurso acaba agregando outros ideais cristãos como a castidade. Na região da França havia duas populações separadas por um rio. Um sacerdote que habitava uma dessas regiões muito amava Maria, e rezava as Horas e cantava as matinas todos os dias.

Ora, certa vez, uma noite de sábado para domingo, atravessou o rio sozinho, num barquito, e dirigiu-se à outra povoação do lado de lá do rio, onde pecou com uma mulher casada. Ao romper do dia de domingo, após tamanho delito, regressava à sua povoação, no intuito de cantar matinas e missa na sua igreja. Entrou sozinho no barquito e começou a rezar as matinas da Bem-aventurada Virgem Maria. Recitava ele o invitatório ‘Ave Maria gratia plena, Dominus tecum’, e encontrava-se já a meio do rio, quando eis que uma multidão de demônios o precipitou, como bem ele merecera, no meio do rio, e, afogando-o, arrebataram consigo a alma daquele sacerdote para os lugares de tormentos. Logo nesse dia se espalhou que o sacerdote ficara afogado no Sena, e que os paroquianos o tinham procurado e não tinha sido possível encontrar o corpo. Para quê mais? Eis que na quarta-feira seguinte a Bem-aventurada Mãe de Deus, que não deixa de ajudar e assistir os que a amam, acompanhada de legiões de anjos e santos sem conta veio ao local onde os demônios torturavam a alma do sacerdote com os tormentos mais cruéis e mais desumanos. Disse a Virgem de piedade: ‘Demônios, porque estais vós a oprimir sem razão a alma desse meu servo?’ respondem os demônios: ‘Nós temos direito a ela porque a apanhamos ao nosso serviço’. (CMA, Milagre 11, 2004, p. 115 grifo nosso).

A Virgem Maria alega que no momento da sua morte, o sacerdote estava cantando as matinas, por isso, os demônios eram tão culpados quanto ele por matar e castigar um servo dela. Ela intercede pelo sacerdote mesmo este cometendo o adultério, pois ele tinha o costume de cantar as matinas, rezar as 9 (nove) lições e as Horas durante o sábado.

O adultério é considerado um pecado grave entre os medievos, e como castigo aqueles que cometessem iriam sofrer punições eternas nos lugares de tormentos. A Igreja Católica através da hagiografia *CMA*, e de tantos outros textos difundia as punições para aqueles cristãos que não cumprissem as doutrinas religiosas. Assim, para cada tipo de transgressão cometida pelo cristão, havia uma punição específica. Dentre os textos medievais os que mais valorizam as punições e as glórias do Inferno, do

Purgatório e do Paraíso, estão as narrativas sobre viajantes das almas ao Além. Durante as viagens as almas passam por diversos tormentos de acordo com os pecados terrenos. Segundo Oliveira e Zierer:

Pretendia-se informar e reforçar os ouvintes dessa narrativa as punições e o sofrimento que os esperava se praticassem e consentissem com os prazeres e vícios mudanos[...]. Então percebemos que as punições aos pecadores no Além estão intimamente relacionadas com os pecados cometidos pelas almas enquanto viviam na vida terrena[...]. Dessa maneira, a Igreja revelava aos ouvintes dessa narrativa os horrores do espaço do Inferno, com o intuito de servir de exemplo para as pessoas que não seguiam os seus ensinamentos e não acatavam as regras cristãs indicadas por ela. (OLIVEIRA; ZIERER, 2014, p. 406).

A narrativa a qual as autoras acima se referem é a *Visão de Túndalo*, que exemplifica minuciosamente as punições e as glórias dos cristãos pelos seus atos terrenos. Mesmo que o milagre 11 não especifique as punições sofridas pelo sacerdote, há uma referência de que os demônios torturavam a alma dele com os tormentos mais cruéis e desumanos. O castigo sofrido pelo sacerdote seria merecido pelo seu adultério, porém como ele é um homem religioso e devoto a Maria, a sua participação no ato pecaminoso é perdoada diante do seu arrependimento. Pois, cometer adultério tinha no medievo implicações diferentes para o sexo masculino e o feminino.

A desigualdade entre os sexos transparece inclusive quando se verifica as implicações da palavra “adultério”. No que respeita aos preceitos religiosos, costumes e legislações seculares, esta palavra esteve ligada a delitos sexuais envolvendo mulheres casadas, nunca fazendo referência aos envoltimentos de homens casados com mulheres descomprometidas. Os amantes masculinos participavam do crime na condição de cúmplices. O adultério era tido como sendo uma infração aos deveres matrimoniais “de mulheres casadas” ou “com mulheres casadas”. (MACEDO, 2000, p. 215).

Por mais que o adultério seja um pecado para ambos os sexos, essa transgressão dos ideais cristãos tinha um maior peso para as mulheres. Pois, a ligação dos homens religiosos com o divino no medievo estava pautada em ideais como a castidade, a caridade e a pobreza, por isso, mesmo estes comentando “delitos graves”, diante do arrependimento, eram perdoados e tinham seu lugar no reino dos céus.

Enquanto para as mulheres religiosas era necessário a manutenção da virgindade para a permanência dos laços com o divino. A vida religiosa feminina tinha suas

próprias características, e era pautada em práticas devocionais diferenciadas dos homens religiosos. Porém, isso não as impedia de ressignificar os discursos e vivenciar experiências de vida além do casamento e da maternidade.

1.2 A religiosidade Feminina: resistência ou submissão?

A maneira como as mulheres vivenciaram a sua religiosidade é pouco retratada nos escritos medievais, que em sua maioria possuem discursos voltados a nortear as ações dos homens religiosos. Porém, falar as mulheres se tornou uma necessidade somente a partir do século XIII, o que fez aumentar o número de escritos voltados para influenciar o comportamento feminino. Mesmo com poucos textos sabe-se que a vida religiosa feminina privilegiava especialmente as mulheres da aristocracia, principalmente as virgens e as viúvas, pois o ingresso em um mosteiro dependia do pagamento de um dote.

Os objetivos destas fundações encaixam-se principalmente dentro das estratégias de preservação patrimonial e reprodução das linhagens nobres traduzidas pela necessidade de recludir aquelas mulheres que não estavam destinadas ao casamento. Entretanto, deve-se dizer que nem todas as vocações eram fruto de coação familiar, uma vez que pode se comprovar uma grande profusão de fundações levadas a cabo por mulheres viúvas que, devido ao status que possuíam, certamente professavam e livre vontade. (NASCIMENTO, 1997, p. 87).

As mulheres religiosas⁵ em sua maioria faziam parte da aristocracia medieval, por isso, acabavam preservando privilégios dentro das fundações religiosas femininas. As mulheres nobres tornavam-se senhoras feudais. Dentro dos mosteiros elas exerciam o papel social determinado aos homens o que acaba as colocando em destaque socialmente.

À frente do convento, ela tem total autonomia e seu papel de senhor feudal é reconhecido pelo conjunto da sociedade. A comunidade de religiosas está formada exclusivamente por mulheres da nobreza, onde o dote exerce um

⁵ Mas em geral, apesar da criação de um número importante de mosteiros de tipo tradicional ou novo, muitas mulheres, principalmente no meio urbano e burguês, não encontraram lugar nesses estabelecimentos, que exigiam da postulante um dote que só as famílias abastadas podiam pagar; outras, que teriam podido ter acesso ao claustro, não se sentiam atraídas pela vida monástica e continuavam ligadas a uma certa liberdade de movimento. (VAUCHEZ, 1995, p. 151).

papel fundamental: garantir a elitização dos mosteiros. Dentro dos muros conventuais estas mulheres não encontraram dificuldades para seguir gerenciando seus patrimônios pessoais e podemos afirmar que, neste sentido os mosteiros revelaram-se como lugares especialmente atrativos. (NASCIMENTO, 1997, p. 88).

O claustro as mulheres religiosas permitiam uma “livre” tutela direta de um pai ou esposo, e até mesmo reconhecimento social pela prática de vida pautada na virgindade/ castidade, pois nas biografias das santas muitas vezes o casamento é colocado como um fardo do qual elas se livraram através da ausência da sexualidade.

Dentro dos muros elas exerciam o papel de comandantes, assumindo assim uma função social atribuída aos senhores feudais. Mesmo estando sob a tutela da Igreja Católica as possibilidades das mulheres religiosas nos mosteiros os tornava atrativos, pois as mulheres tinham controle sobre o seu corpo, e muitas vezes sobre seus bens pessoais.

Mesmo tendo o reconhecimento social através da virgindade/castidade, as mulheres tinham seus espaços e suas atividades determinados pela Igreja Católica, e justamente por essa limitação, as mulheres para vivenciar a sua espiritualidade, tinham uma tendência maior em realizar práticas penitenciais.

A vida religiosa feminina desenvolveu suas próprias características, sendo um dos aspectos mais originais da espiritualidade medieval a partir do século XIII. Algumas mulheres religiosas vivenciaram de forma intensa as possibilidades que a vida espiritual lhes oferecia, atuando como comandantes das fundações femininas, adquirindo assim uma certa autonomia que desafiava as normas que determinavam o silêncio e a clausura.

Segundo Vauchez, a maior participação feminina na vida religiosa pode ser observada através do florescimento da santidade feminina. Pois a proporção de mulheres santificadas aumentou consideravelmente. Os discursos voltados às mulheres religiosas propunham de maneira geral modelos e condutas ao feminino. Era preciso controlar a presença das mulheres que geralmente eram representadas como ardilosas, perigosas e propensas ao pecado. Visalli aponta as duas principais tendências que marcaram a santidade feminina:

Quando nos debruçamos sobre os modelos femininos de vida religiosa, as santas do século XIII, percebemos duas tendências que marcam a santidade das mulheres: uma primeira fundada sobre a “espiritualidade evangélica”, na

qual a pobreza e as obras caritativas tomaram importância central, (VAUCHEZ, 1980, p. 329) A ênfase nessas práticas está no cerne do conjunto das mudanças que se processaram na espiritualidade do período, quando movimentos como o franciscanismo projetaram na imitação do Cristo pobre e na caridade a perfeição evangélica. Um exemplo dessa tendência seria a experiência de Clara de Assis. Uma segunda tendência que marcaria o comportamento religioso feminino das santas do período seria o da ascese e efusões místicas, o que nos faz remontar a outro universo de manifestações religiosas, mas que se insere no conjunto das práticas características. Seriam exemplos os casos da Beata Umiliana ou Santa Margarita, para as quais a santidade seria alcançada, de fato, pelos exercícios ascéticos pela contemplação sobre os sofrimentos de Cristo. (VISALLI, 2009, p. 105 grifo nosso)

Destaca-se o grande rigor das práticas religiosas daquelas mulheres que seguiam o modelo de Clara de Assis. O rigor ascético ultrapassava a exigência da Igreja. A experiência religiosa feminina era pautada muitas vezes em uma espiritualidade penitencial. Exagerada abstinência alimentar e maceração dos seus corpos, caracterizaram a vida religiosa feminina, pois elas possuíam um universo limitado de atuação na vida religiosa, o que ocasionava uma expressão mais exacerbada de sua devoção.

A vida religiosa permitia que a mulheres exercessem outras funções sociais. Pois, os papéis sociais das mulheres no âmbito familiar se restringiam a filha, mãe e esposa. Relatos demonstram que o sexo deveria ser voltado exclusivamente para a procriação. Perpetuar e dar continuidade a família era a tarefa principal da mulher no casamento a falta de herdeiros prejudicava a sucessão da linhagem, nesses casos os homens poderiam dissolver o casamento. Para as mulheres renegadas restava a vida religiosa ou a marginalização social.

Os mosteiros, e sem dúvida ainda mais para as mulheres do que para os homens, não são unicamente sede de vocação religiosa. Representam instituições sociais indispensáveis em particular ao acolhimento das filhas que o pai não pode dotar de acordo com a sua condição, porque são demasiado numerosas, ou não pode casar por elas sofrerem de uma desgraça física ou mental. Esses mosteiros desempenham várias funções: estabelecimentos de educação, refúgios para as órfãs, ou para as viúvas que neles se retiram, casas de desterro discreto para esposas repudiadas...Mas construir um mosteiro e dotá-lo é um processo complexo e dispendioso que exige circunstâncias favoráveis e uma concertação das vontades: poder político, nobres que, em troca, enviarão para aí as suas filhas, eclesiásticos – papa, bispos, monges – todos se devem unir para concederem terras, direitos,

privilégios e bênçãos. (L' HERMITE- LECLERCQ, 1990, p. 319, grifo nosso).

Os mosteiros tornaram-se instituições sociais indispensáveis para o acolhimento das mulheres renegadas, repudias e marginalizadas. Porém, mesmo que muitas mulheres não estivessem por vocação, as possibilidades de estudar, ou seja, de uma formação intelectual, o domínio sobre o seu corpo, o gerenciamento dos bens pessoais, exercer o poder senhorial, eram aspectos que atraíam as mulheres, e as permitiam resistir através de estratégias a submissão imposta pela Igreja.

O milagre 8 possui como personagens principais duas mulheres: uma casada e outra adúltera. As duas rezavam sempre para Maria, contudo a adúltera além de rezar, todos os dias caminhava descalça até a imagem da Virgem pedindo que a mesma a afastasse de ações tão pecaminosas. Sendo que a adúltera era amante do esposo da mulher casada, por isso, ela pede que a Virgem mate a mulher pecadora. Porém, Ela nega o pedido através de uma imagem dela que se encontra na basílica da Bem-Aventurada na região de Poitiers, dizendo as duas mulheres que não dará a morte a quem se dedica a Ela.

As mulheres, ao ouvirem isto, espantadas com semelhante prodígio regressaram as suas casas. Mas na noite seguinte a Santíssima Virgem em sonhos admoestou-as dos seus pecados e persuadiu-as a abandonarem o mundo. Não se passou grande tempo e daí a quinze dias abandonaram o século e ambas deram entrada num eremitério onde com outras monjas serviram a Deus e à Bem-aventurada Virgem Maria e onde repousaram com um fim feliz. (Milagres Medievais, numa colectânea mariana alcobacense, Milagre 8, 2004, p. 97 grifo nosso).

O destino das mulheres marginalizadas e pecadoras geralmente era os mosteiros, pois nesse espaço elas podiam conviver socialmente, fugindo assim dos estigmas sociais que as acompanhavam em seus antigos grupos sociais. A vida religiosa e o estado virginal eram considerados pelos clérigos como superior ao estado matrimonial. O casamento era recomendado, porém havia uma valorização das mulheres virgens ou casadas que seguiam a vida religiosa. Esse fato se evidencia através do milagre 8 que tem como personagem uma mulher casada que decide influenciada pela Virgem, a se dedicar a vida religiosa.

Apesar de terem vivido numa época em que a condição feminina era encarada como uma carga negativa, e como a Igreja apregoando a necessidade de enclausurar as mulheres, as monjas não se deixaram intimidar por estas teorias. A clausura jamais foi respeitada, e as cistercienses dos séculos XII e XIII faziam ouvidos surdos às interdições e ameaças. As frequentes saídas do mosteiro eram justificadas com os motivos mais variados: a administração dos domínios senhoriais, os cuidados que exigia a gerência do patrimônio pessoal das religiosas, visitas a parentes, problemas de saúde, etc. (NASCIMENTO, 1997, p. 89).

Assim, seguir a vida espiritual era uma possibilidade dentro das restrições dos papéis próprios determinados socialmente e culturalmente para as mulheres. Mesmo sob a tutela da Igreja, as mulheres conseguiram atuar em espaços diversificados. É certo que a submissão feminina passou da família através de alguma figura masculina, para a Igreja, porém, essas mulheres muitas vezes ressignificaram os papéis sociais. E mesmo diante de normas rígidas destaca-se que elas encontravam maneiras de resistir socialmente à tutela vivenciando papéis sociais diversificados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conduta ideal feminina ou masculina, representada nos milagres são discursos produzidos por homens religiosos medievais. Porém a maneira como algumas mulheres se apropriaram deste discurso possibilitou uma experiência social diferenciada, fruto do contexto em que elas estavam inseridas. Pois, a vida religiosa⁶ lhes permitia ter a tutela do seu próprio corpo, administrar os seus bens pessoais, exercer o papel de senhor feudal dentro dos mosteiros e buscar uma formação intelectual.

A desigualdade entre gêneros para aqueles que seguiam a vida religiosa era perceptível principalmente no exercício da sexualidade. Era preferível que as mulheres mantivessem a virgindade perpétua, pois assim elas não cairiam em tentação, e manteriam os laços com Deus, tornando-se esposas de Cristo. Enquanto aos homens as regras se mostravam mais flexíveis, pois era recomendado a castidade, já que os laços com o divino não era pautado pela condição virginal ao contrário das mulheres.

Portanto, percebe-se que há uma tolerância maior com os homens que cometem o adultério. Pela lógica cristã medieval um homem poderia cometer adultério e se

⁶ Uma das características da participação feminina é rigor moral exigido em maior escala às mulheres.

arrepender, e com isso seu corpo continuaria puro ao contrário da mulher, pois a ligação com o divino é fundamentada na virgindade.

Mesmo quando as mulheres conseguiam algum tipo de reconhecimento social, seja ele por seu celibato, elas continuavam sendo representadas com imagens negativas, e suas ditas fraquezas legitimavam a educação como uma das formas de controle, especialmente as mulheres religiosas, que tinham como modelo ideal Maria. Percebe-se na Coletânea de Milagres que Maria é um ideal inatingível, porém pela sua popularidade a representação simbólica na cultura da sociedade medieval a torna um modelo necessário para controlar e legitimar os locais próprios das mulheres.

A custódia feminina era vista como um bem maior. As mulheres representavam o perigo, pois sua sexualidade e corpo traziam tentações aos homens. Eram culpadas pela queda de Adão. Na tentativa de controlar o corpo e as ações femininas, os escritos medievais reforçavam o discurso da virgindade. Assim a Igreja Católica propunha modelos de comportamento que detinham as normas de condutas que favoreciam a manutenção da ordem social.

A representação mariana é um fenômeno contraditório, representante de um ideal institucionalizador da Igreja Católica, que permitiu às mulheres religiosas outra possibilidade de experiência social, além do casamento e da maternidade, mas ao mesmo tempo ela perpetua o local e as relações de poder desiguais entre o gênero, pois permanecia a tutela feminina passiva do pai ou do esposo, para a Igreja.

REFERÊNCIAS

TEXTO MEDIEVAL IMPRESSO

MILAGRES MEDIEVAIS, NUMA COLECTÂNEA MARIANA ALCOBACENSE. Edição crítica, tradução e estudo Aires Augusto Nascimento. (Obras clássicas da Literatura portuguesa - Literatura medieval). Lisboa: Edições Colibri, 2004.

OBRAS TEÓRICO/METODÓLOGICAS, ESPECÍFICAS E GERAIS

AMORIN, Marina Alves. Combates pela História: a “guerra dos sexos” na historiografia. *Cadenos Pagu*, n. 20, Campinas: UNICAMP, 2003.

- CASAGRANDE, Carla. A mulher sob custódia. In.: _____ **História das Mulheres no Ocidente**. Vol. 2: A Idade Média. Georges Duby e Michelle Perrot (orgs.). Porto: Edições Afrontamento, 1990.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- DALARUN, Jacques. Olhares de Clérigos. In.: _____ **História das Mulheres no Ocidente**. Vol. 2: A Idade Média. Georges Duby e Michelle Perrot (orgs.). Porto: Edições Afrontamento, 1990.
- DUARTE, Teresinha Maria e SANTOS, Márcia Pereira dos. A Escrita Hagiográfica Medieval e a formação da Memória dos Santos e Santas Católicos. In.: _____ **Revista Fazendo Gênero 9- Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, 2010.
- DUBY, Georges. **Eva e os Padres**. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- JARDIM, Rejane Barreto. **Ave Maria, ave senhoras de todas as graças!** Um estudo do feminino na perspectiva das relações de gênero na Castela do século XIII. Porto Alegre, 2006.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- LIMA, Darlan Pinheiro de; MACEDO, José Rivair. Vícios, Virtudes e a Representação do bom cristão para a Ordem dos Cistercienses: O exemplo de Alcobaça. In.: _____ **Nas Trilhas da Antiguidade e Idade Média**. Adriana Zierer, Ana Lúvia Bonfim Vieira e Elizabeth Sousa Abrantes (Orgs.). São Luis: Editora UEMA, 2014.
- MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- NASCIMENTO, Maria Filomena. Ser mulher na Idade Média. In.: _____ **Textos de História**. Revista da Pós- Graduação em História da UNB. Vol 5, nº 1, 1997.
- OLIVEIRA, Solange Pereira; ZIERER, Adriana. O imaginário cristão do Além medieval na Visão de Túndalo. In.: _____ **Nas Trilhas da Antiguidade e Idade Média**. Adriana Zierer, Ana Lúvia Bonfim Vieira e Elizabeth Sousa Abrantes (Orgs.). São Luis: Editora UEMA, 2014.

- OPITZ, Claudia. O cotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500). In.:_____ **História das Mulheres no Ocidente**. Vol. 2: A Idade Média. Georges Duby e Michelle Perrot (orgs.). Porto: Edições Afrontamento, 1990.
- SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Tradução Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. New York, Columbia University Press, 1989.
- SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. **Reflexões sobre a Hagiografia Ibérica Medieval**: um estudo comparado do *Liber Sancti Jacobi* e das vidas de santos de Gonzalo de Berceo. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.
- SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Introdução. In.:_____. **Hagiografia e História**: reflexões sobre a Igreja e o fenômeno da santidade na Idade Média Central. Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva (organizadora). Rio de Janeiro: HP Comunicação Editora, 2008.
- SOARES, Maria Valdiza Rogério. A virgindade segundo Ambrósio de Milão e Clara de Assis – um estudo comparativo. In.:_____. **Hagiografia e História**: reflexões sobre a Igreja e o fenômeno da santidade na Idade Média Central. Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva (organizadora). Rio de Janeiro: HP Comunicação Editora, 2008.
- SOIHET, Rachel. História das mulheres e relações de gênero: debatendo algumas questões. **Revista Mulheres na Ciência**, 2003.
- _____. História das Mulheres. In.:_____. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- SOUZA, Ana Aparecida Arguelho de. Literatura e História na Educação Medieval. In.:_____. As relações entre História e Literatura no Mundo Antigo e Medieval.
- COSTA, Ricardo da (coord.). **Mirabilia**, Nº 13, Jun-Dez 2011.
- VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade na Idade Média Ocidental** (séculos VIII a XIII). Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- VISALLI, Angelita Marques. A Mulher nas Laudas de Jacopone da Todi, Poeta Franciscano do Século XIII. In.:_____. **História Antiga e Medieval**: rupturas, transformações e permanências: sociedade e imaginário. Vieira, Ana Lúvia Bonfim & Zierer, Adriana (Orgs.). São Luís: Editora UEMA, 2009, v. 2.
- ZIERER, Adriana Maria de Souza; ABRANTES, Elizabeth Sousa. Entre Eva e Maria: A ambiguidade das imagens femininas n' A Demanda do Santo Graal – Séculos XIII.

In.: _____ **Nas Trilhas da Antiguidade e Idade Média.** Adriana Zierer e Ana Lúcia Bonfim Vieira, Elizabeth Sousa Abrantes (Orgs.). São Luis: Editora UEMA, 2014.